



Uma aventura nos Picos mais altos do mundo: práticas urbanas, estética e rebeldia nos "anos rebeldes"

STEFANY MARQUIS DE BARROS SILVA¹

A década de 1960, ao chegar, trouxe consigo uma série de acontecimentos que a faria ficar conhecida como “os anos rebeldes”, novos valores passaram a serem instituídos e novas formas de ver, pensar, sentir e experimentar o mundo começaram a se formar em todo o mundo ocidental. O ano de 1968 foi emblemático, a sede de liberdade e a necessidade de novas experimentações faziam essa geração – que afirmava não confiar em ninguém com mais de 30 anos² – romper barreiras sociais e ir na contramão de todos os valores pré-estabelecidos pela sociedade formada pela geração dos seus pais. A ideia básica era contestar o sistema, a geração de 1968 era romântica, queria mudanças e não queriam esperar nem mais um minuto, porque as coisas já estavam acontecendo!³ Essa juventude engajada bradava por transformações políticas, sociais, sexuais, culturais e comportamentais, não bastava mudar a estrutura econômica e o Estado, a revolução deveria ser total, era preciso mudar a própria maneira de se comportar.

Começavam a se delinear, assim, os contornos de um movimento social de caráter libertário, com enorme apelo junto a uma juventude de camadas médias urbanas e com uma prática e um ideário que colocavam em xeque, frontalmente, alguns valores centrais da cultura ocidental, especialmente certos aspectos essenciais da racionalidade veiculada e privilegiada por esta mesma cultura. Ainda que diferindo muito dos tradicionais movimentos organizados de contestação social – e isto tanto pelas bandeiras que levantava, quanto pelo modo como as encaminhava – a contracultura conseguia se afirmar, aos olhos do Sistema e das oposições (ainda que gerando incansáveis discussões), como um movimento profundamente catalisador e questionador, capaz de inaugurar para setores significativos da população dos Estados Unidos e da Europa, inicialmente, e de vários países de fora do mundo desenvolvido, posteriormente, um estilo, um modo de vida e uma cultura underground, marginal, que, no mínimo, davam o que pensar

¹ Mestranda no Programa de Pós Graduação em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí. Email: stefanymarquis@gmail.com

² Referência a uma música chamada “Com mais de 30” do cantor e compositor Marcos Valle junto com seu irmão Paulo Sérgio Valle, bastante em voga durante a década de 1970, a música alertava para o fato de que pessoas que não tivessem mais cabeça de adolescente, não eram confiáveis. Resumia bem essa época na qual os valores estavam sendo contestados pela mais nova e vigorosa força rebelde: a juventude.

³ “Quem sabe faz a hora, não espera acontecer” Já dizia a célebre música “Pra não dizer que não falei das flores” do compositor Geraldo Vandré.

(PEREIRA, 1986, p. 8).

Tendo em vista o conteúdo desse fragmento, pode-se perceber que a juventude estava vivenciando uma cultura de protesto, na medida em que procurava se posicionar contra todos os padrões estabelecidos socialmente. Neste artigo, buscaremos analisar uma parcela de jovens da cidade de Picos - Piauí, observando como essa geração cuja juventude vivenciou a chegada dos anos rebeldes na cidade absorveu essas mudanças comportamentais e de que forma as processou estaremos observando as influências ocorridas no comportamento, na moda, e nos valores sociais instituídos na época que compõe o nosso recorte, buscaremos perceber isso através das imagens e dos depoimentos, muitas vezes emocionados, que gentilmente concederam, onde é notável que na memória do passado, existe a nostalgia do presente.

Se voltarmos nosso olhar para a historiografia brasileira clássica podemos perceber como esses padrões vêm sendo construídos e estabelecidos desde os tempos da colonização, onde o discurso católico era extremamente forte⁴ e ditava a *linha de desejo padrão* da sociedade, a seguir, vamos entender como uma parcela da juventude começou a traçar *linhas de fuga* para vazar pelas frechas desse conservadorismo estabelecido desde os primórdios da formação do Brasil. Esses jovens rebeldes que contestavam todos esses valores instituídos se utilizaram de várias estratégias de mudança comportamental. Dentre essas novas atitudes, estavam as formas de se vestir, a moda aparecia como reflexo da rebeldia daquela geração. E em meio a todas essas agitações nos propomos a analisar esses reflexos na cidade de Picos-Piauí, de que forma os jovens picoenses se inseriram em todo esse contexto de transformações comportamentais? Objetivamos ponderar acerca do código estético desses jovens durante as décadas de 60 e 70 do século XX, de que forma se expressavam através da moda.

Picos, desde suas origens, sempre foi uma cidade extremamente tradicionalista onde a sociedade pautava seus costumes e comportamento de acordo com as regras cristãs do catolicismo. Nas casas das famílias tradicionais picoenses era bastante comum encontrar, nos quartos dos casais, oratórios onde imagens de santos e outros objetos que remetiam à iconografia católica estavam expostos. Era natural encontrar quadros do Sagrado Coração de Jesus ou do Coração de Maria enfeitando as paredes das casas, assim como na maioria dos lares encontrava-se uma reprodução da *Última Ceia* do italiano Leonardo da Vinci nas salas de jantar. Nesse sentido, encontramos permanências, pois atualmente ainda encontramos vários lares com altares, imagens e quadros que remetem aos dogmas católicos. Em 1950 o

⁴ Para entender mais acerca da expressão do discurso religioso nas bases da formação colonial do Brasil ver: FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**. São Paulo: Global, 2006.

tradicionalismo se refletia nos valores morais construídos com base nos ensinamentos cristãos e seguidos fielmente pelos “cidadãos de bem” da sociedade picoense.

Fotografia 01: Festejos de Nossa Senhora dos Remédios na década de 1950.



Fonte: Acervo Fotográfico do Museu Ozildo Albano.

A imagem acima representa a igreja matriz durante os festejos comemorativos de Nossa Senhora dos Remédios, padroeira da cidade. Percebemos pela quantidade de fiéis no pátio da igreja a enorme participação da sociedade nas atividades católicas, notamos famílias inteiras, homens, mulheres crianças e jovens de todas as idades participando ativamente dos eventos promovidos pela Igreja. Nessa configuração social é possível compreender porque o catolicismo tinha imensa influência no comportamento da sociedade chegando inclusive a ditar moda, durante a década de 1950 uma peça de roupa da indumentária feminina foi integrada à cultura picoense: o bolero. Sobre esse fato, Renato Duarte (1995) nos diz que:

O vigário, Padre Madeira, considerava indecentes as vestes femininas – mas não as masculinas – que tivessem mangas curtas, e proibiu que as mulheres entrassem na igreja assim vestidas. Para ele, um traje feminino adequado para a frequência à igreja tinha que ter mangas compridas ou as chamadas mangas três-quartos. Como forma de contornar a situação, as senhoras e senhoritas da cidade passaram a usar o **bolero** - que nada mais era do que um colete curto, com mangas três-quartos – por sobre as roupas que tivessem mangas curtas. O uso do **bolero** passou a fazer parte do cotidiano das mulheres de Picos, provocando situações as mais insólitas. Ante o risco de passarem pelo vexame de ser escorraçadas da igreja durante os ofícios religiosos, caso fossem flagradas pelo vigário com roupas de mangas curtas, as picoenses tinham que estar sempre com seu **bolero** à mão (DUARTE, 1995, p. 154).

Percebemos traços do conservadorismo cristão no que tange à indumentária e ao corpo feminino, a sexualidade estava constantemente atrelada à moral e aos bons costumes. Para o

vigário, não era de bom tom que as mulheres comparecessem à igreja com os braços expostos e logo estabeleceu a proibição. A solução encontrada pelas senhoras e senhoritas picoenses para driblar o desconforto que seria vestir-se com roupas de mangas compridas, dado ao clima quente da cidade, foi utilizar esse casaco apenas para frequentar as missas e outros eventos eclesiais, após a saída da igreja dobravam o casaco e o seguravam na mão ou então passavam em casa para guardar antes de irem para a Praça Félix Pacheco, como era de costume. Acerca desse passeio na praça nessa época Mundica Fontes (2015) nos dá uma contribuição interessante:

O que eu ouvia dos meus pais e pessoas mais velhas que eu era que os passeios na praça que só iam de traje social distinto, os homens não passeavam... Tinha que ser de terno e gravata. [...] E as mulheres eram muito bem trajadas, naquele tempo elas usavam vestidos abaixo do joelho, não usavam roupas curtas e elas iam muito bem vestidas, pessoas mal vestidas não tinham o direito de passear na praça, era muito limitada, era restrito a uma elite naquela época. No meu tempo, o jovem tinha todo acesso à praça (FONTES, 2015).

De acordo com o depoimento, durante a década de 1950 havia uma distinção social muito forte no espaço da praça, apenas pessoas mais remediadas da cidade tinham o direito de passear nesse local. Corroborando com essa afirmação, Duarte (1995) nos diz que o formato triangular da praça favoreceu a divisão social de classes dentro deste espaço, o lado referente ao passeio, paralelo aos bares, lanchonetes e sorveterias, logo, mais iluminado e frequentado era reservado para a população mais abastada, quanto às outras camadas sociais, essas se reservavam do outro lado da praça, no local menos iluminado. Ainda pelo depoimento da entrevistada podemos notar que embora os anos cinquenta do século XX tivessem apresentado traços de conservadorismo muito fortes, no “tempo dela”, ou seja, durante a época em que vivenciou sua juventude, no final dos anos 1960 e início de 1970, esse conservadorismo foi perdendo força, e isso se deu por influência das novas formas de pensar, de ver, de sentir e experimentar o mundo que estavam chegando a Picos através dos meios de comunicação. De acordo com nossos entrevistados essas informações chegavam por meio de jornais, revistas e discos trazidos pelos jovens picoenses que estudavam nos grandes centros urbanos e vinham passar as férias junto com a família e amigos; e através do *Cine Spark* que costumava exibir as notícias do Brasil e do mundo antes das películas cinematográficas. Vamos nos apropriar das ideias de Edwar de Alencar Castelo Branco (2005) para corroborar nossas afirmações acerca dessa conjuntura:

De maneira geral, portanto, podemos dizer que os discursos que circulavam

nos anos sessenta – em larga medida decorrentes e conectados com as maravilhas tecnológicas da época – testemunhavam um crescente processo de fragmentação das paisagens culturais, particularmente das noções tradicionais de gênero, de sexualidade, de étnica, de classe, etc. Por consequência, as sólidas localizações sociais existentes até o final dos anos cinquenta estavam também abaladas (CASTELO BRANCO, 2005, p. 56).

Os sujeitos estavam passando por mudanças comportamentais, adquirindo novos posicionamentos e novas formas de se expressar, os jovens estavam sendo influenciados pelas agitações culturais que marcaram os anos rebeldes aqui no Brasil:

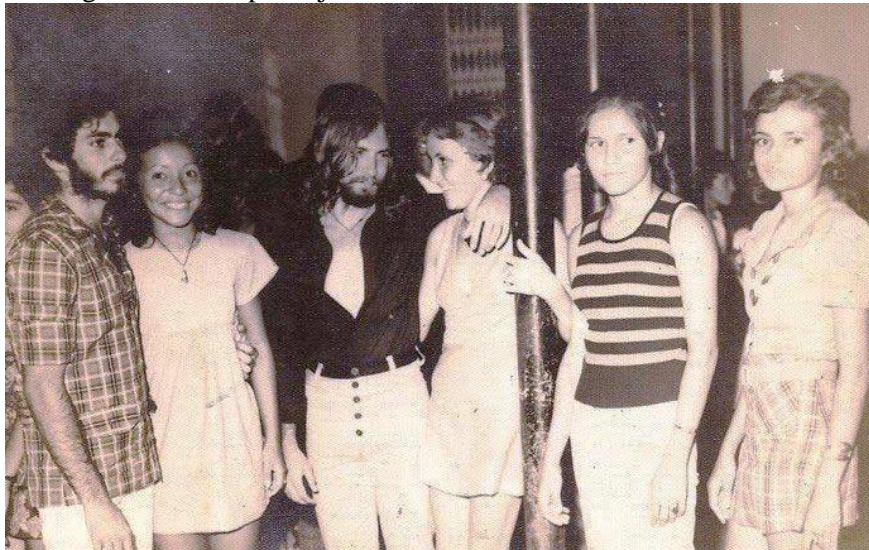
De maneira geral, o estilo ié-ié é o centro das atenções e desperta mais susto e repulsa do que admiração. Nas vestimentas, especialmente, tal estilo ganha visibilidade e toma as ruas das cidades brasileiras: para os rapazes, camisas xadrez madras, calças de cintura alta, cintos de couro rústico, mocassins ou sandálias de couro grosseiro, alguns *foulards* para o inverno, bonés de *beatle* e muito raramente gravata. Estas, quando compõe o vestuário, têm que ser berrantes e estampadas com exagero. Os conjuntos femininos [...] são compostos por meias coloridas e minissaias usadas com salto pequeno e grosso, calças compridas, que diferentemente das minissaias, “se usa com sapatos de saltinho”, pantalonas que se fingem de saia e minivestidos. Nas cabeleiras, um desenho geométrico de duas cores (CASTELO BRANCO, 2005, p. 57).

Se nos anos cinquenta a Igreja Católica reinava absoluta no que tangia o comportamento social picoense, a partir dos anos sessenta e com o decorrente acarretamento de novos valores instituídos socialmente, isso se transformaria. A juventude picoense não passaria despercebida em meio às agitações culturais que estava ocorrendo no Brasil e se inseriram nesse contexto cultural e comportamental descrito no fragmento acima. De acordo com nossos entrevistados suas vestimentas também foram influenciadas pelos movimentos culturais que marcaram a época:

As roupas? A gente procurava fielmente seguir as roupas da Jovem Guarda, as roupas que realmente se vestia no mundo mais adiantado, como a gente chamava o “Sul maravilha”. Eram boca de sino aquelas calças que eu brinco que a gente jogava a calça e a gente chegava meia hora depois, sapatos Luís XV de salto alto, tamancos, bolsas a tira colo, cabelos quando maior melhor, calças jeans quanto mais sujas, quanto mais rasgadas, quanto mais... então era realmente vivendo o período do festival de Woodstock, os hippies. Nós queremos... nós estamos aí, nós queremos viver também! (CAMPOS, 2015).

Essa efervescência cultural que estavam vivenciando se refletia nas formas de vestir, a Jovem Guarda lançava as tendências da moda e os jovens buscavam segui-las fielmente, a seguir analisaremos algumas imagens de sujeitos que vivenciaram as décadas de 1960 e 1970 em Picos e incorporaram essas novas influências, promovendo uma ruptura com as décadas anteriores no que tange a questão comportamental.

Fotografia 02: Grupo de jovens no Picoense Clube na década de 1970.



Fonte: Acervo pessoal de Cristina Varão

A brusca ruptura com o tradicionalismo da primeira metade do século XX é nítida, naquela época os homens só se encontrariam bem vestidos se trajassem ternos alinhados e gravata, no início da segunda metade podemos perceber a rebeldia característica da época expressa nas roupas, no comportamento e na aparência dos jovens. O primeiro rapaz à esquerda da foto traça uma camisa xadrez e o segundo uma camisa de manga longa desabotoada, deixando o peitoral exposto, e uma calça jeans de cintura alta com um cinto de couro rústico, que, como vimos na descrição de Castelo Branco (2005), eram tendência na época. As quatro moças da foto aparecem rompendo com o padrão de roupas feminino dos anos cinquenta, como vimos no depoimento da nossa entrevistada, as mulheres da época só se encontrariam bem vestidas se trajassem elegantes vestidos abaixo do joelho, como percebemos na foto três moças usam vestidos acima do joelho e a que foge à regra, usa calça comprida! Outro elemento transgressor dos costumes tradicionais que podemos extrair da imagem encontra-se no comprimento do cabelo do rapaz que se encontra no meio da foto. O fato de um homem deixar o cabelo crescer era mais do que um corte, para além da questão estética, essa atitude simbolizava uma recusa ao padrão estabelecido, era signo da rebeldia latente e da influência do movimento *hippie* (CIDREIRA, 2008), onde cabelos e barbas compridos aliavam-se às roupas psicodélicas, coloridas, cheias de vida que contrastavam e rompiam com os tons escuros dos ternos que reinavam soberanos nos anos 1950:

[...] Até os anos 60, havia uma maneira de vestir-se, com a qual homens e mulheres, seguindo à risca, mantinham acentuadas as diferenças do sexo. Até aquela década, também estava na roupa a diferença de algumas posições sócias. Particularmente o terno indicava situações de trabalho, status político e social, mas, sobretudo, uma condição masculina urbana. Com o

aparecimento e expansão da moda hippie tudo começou a mudar: primeiro a redução das diferenças no vestuário de homens e mulheres; depois a adoção de todo um estilo informal de portar-se e vestir-se, com a perda da posição central do terno, sem mencionar a mudança nos cortes de cabelos masculinos, antes curtos, passando a cair sobre os ombros, em desalinho, entre outras alterações (CIDREIRA, 2008, p. 53).

Além das influências musicais e do movimento *hippie*, os sujeitos estavam vivenciando a época do *boom* do feminismo e as decorrências desse movimento nas formas de vestir femininas são notáveis, as barreiras existentes entre roupas e comportamento masculinos e femininos estavam começando a serem ultrapassadas como percebemos neste fragmento e corroboraremos a afirmação fazendo uma hermenêutica da imagem a seguir:

Fotografia 03: Três jovens picoenses no Ginásio Marcos Parente, década de 1970.



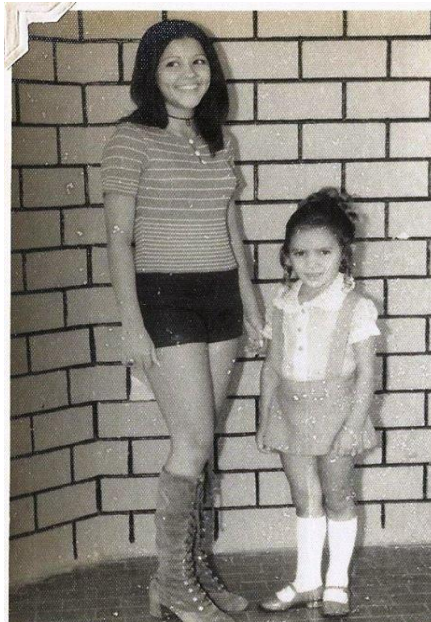
Fonte: Acervo pessoal de Cristina Varão

Vemos três moças cujas roupas que estão vestindo expressam a influência do movimento feminista na moda: a primeira garota da esquerda para a direita está vestindo uma camisa com botões e colarinho e calça comprida, até pouco tempo atrás essas indumentárias eram exclusividade do vestuário masculino, vemos também que ela está calçada com sandálias de couro rústico e usa um colar que remete aos acessórios característicos da cultura *hippie*. A garota do meio aparece vestindo uma calça boca de sino e de cintura alta com camiseta listrada. E a última encontra-se trajando uma calça jeans também com cintura alta e camiseta estampada, ícones marcantes dessa geração. Outro detalhe importante de observarmos é que além de ambas estarem vestindo calças compridas, ambas possuem o cabelo curto, percebemos a ruptura com a estética da década de 1950, a geração dos anos rebeldes impactava a sociedade picoense com homens de cabelos compridos e mulheres

preferindo o corte mais curto. Por fim, a forma como as duas moças estão sentadas também diz muito sobre o espírito transgressor da época, em cima das carteiras com as pernas afastadas, contestando o discurso defendido pelos patronos da moral e bons costumes de que “mulher deveria se sentar com as pernas cruzadas”.

As peças de roupa que os jovens da geração dos anos rebeldes utilizavam eram extremamente mais livres, leves e soltas que as da geração anterior. Um fato marcante dessa época onde a juventude estava experimentando outros tons de liberdade e de ousadia consistiu na criação das minissaias (CHANTAIGNER, 2010) que revolucionaria a estética feminina no mundo, através da análise de imagens, percebemos que a juventude picoense não estava alheia às tendências mundiais:

Fotografia 04: Jovem trajando roupa curta, década de 1970.



Fonte: Acervo pessoal de Cristina Varão

Observamos uma bela jovem picoense que, ao vestir o que parece ser um short preto tão curto que confunde-se com uma minissaia, com camisa listrada e bota até os joelhos, mostrava-se inserida dentro das tendências mundiais da moda no período em questão. Outro ícone da moda nos anos 1970 foram as pantalonas:

Fotografia 05: Jovem trajando uma pantalona, década de 1970.



Fonte: Acervo pessoal de Cristina Varão.

A garota que se encontra em pé na foto aparece vestindo uma pantalona, camisa com botões e colarinho, um colete de franjas e quanto aos acessórios percebemos óculos escuros de lentes pequenas, uma bolsa a tiracolo e pulseiras clara influência dos elementos da cultura *hippie* que definitivamente a marcou a moda picoense como observaremos com mais força na imagem a seguir:

Fotografia 06: Grupo de garotos, década de 1970.

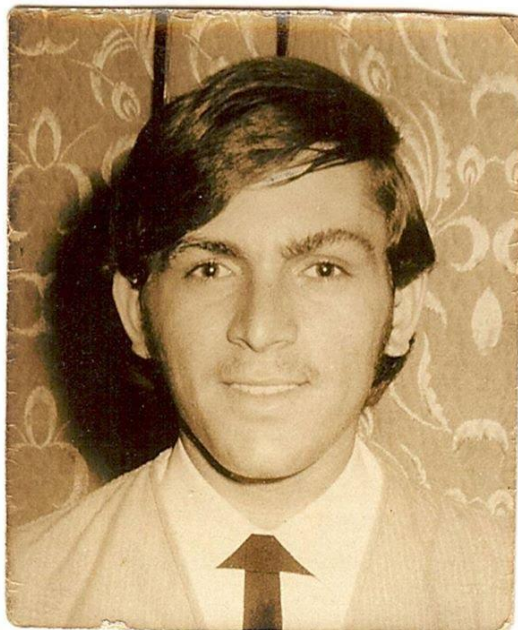


Fonte: Acervo pessoal de Cristina Varão.

Era a época do “Paz e Amor”, proposta *hippie* e lema contra a violência do exército americano na Guerra do Vietnã, cuja uma das representações se dá no símbolo que observamos o garoto vestido de camisa preta fazendo na pose para a foto. Notamos também o primeiro homem da esquerda para a direita, que possui cabelos compridos e barba espessa, com um lenço amarrado na testa, além disso, aparece abraçando o colega carinhosamente. A partir disso podemos considerar uma mudança nos costumes, as barreiras sociais existentes na primeira metade do século certamente cerceariam esse comportamento com o discurso de que

“homens de verdade não fazem demonstrações de carinho públicas para outros homens”. Através das imagens percebemos traços libertários característicos da época. Até aqui nós discutimos a influência da Jovem Guarda, do movimento *hippie*, e do feminismo, a partir de agora voltaremos nosso olhar para outro símbolo da juventude: o rock! Esse ritmo revolucionou não apenas a música, como também os costumes, a rebeldia do rock dos anos sessenta ficaria marcada pra sempre, quem nunca ouviu falar dos grandes nomes do rock de 1960? Os Beatles, Rolling Stones, Jimi Hendrix, Janis Joplin, Jim Morrison and The Doors, Bob Dylan, Joan Baez, The Mamas and the Papas e tantos outros que influenciaram e influenciariam a juventude.

Fotografia 07: Graziani Fonseca.



Fonte: Acervo pessoal de Cristina Varão.

Na cidade de Picos, os *Beatles*, particularmente, inspirariam a estética de um grupo de jovens que foram os integrantes da primeira banda de rock da cidade, o grupo “Os Leões” e que viriam a ser conhecidos como “os Beatles de Picos. Na imagem acima temos o vocalista da banda cujo colete, gravata e penteado são semelhantes aos usados pelos integrantes da banda inglesa.

Nesta viagem estreitamos as discussões acerca da inserção de Picos no panorama das décadas de 1960-70, desenvolvemos análises em cima dos sujeitos e suas experiências cotidianas, objetivamos esboçar uma narrativa trabalhada em cima das subjetividades, das diversas formas de compreender o campo das vivências juvenis. Percebemos que essa explosiva geração influenciou uma série de mudanças comportamentais nos jovens,

acarretadas pela instituição de novos valores que estavam sendo atribuídos e discutimos as permanências e rupturas observadas na moda e no comportamento dos sujeitos que estavam sendo influenciados pelas agitações culturais que envolviam o mundo na época. Espero que tenham aproveitado o passeio, agora é hora da despedida, chegou o momento de dar um último abraço na geração X, aquela que se perpetuou como a mais transgressora da História. Um abraço traduzido não como um adeus, e sim como um até logo.

FONTES E REFERÊNCIAS

Fontes:

a) Entrevistas

CAMPOS, Mury. **Depoimento** concedido à Stéfany Marquis de Barros Silva. Picos, 2014.
MOURA, Raimunda Fontes de. **Depoimento** concedido à Stéfany Marquis de Barros Silva, 2015.

b) Livro de Memórias

DUARTE, Renato. **Picos: os verdes anos cinquenta**. 2º ed. Recife: Ed. Nordeste, 1995.

Referências:

a) Livros

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. 2º ed. Trad. José Carlos Martins Barbosa; Hemerson Alves Baptista. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1994.
CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **Todos os Dias de Paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália**. São Paulo: Annablume, 2005.
CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **História e Masculinidades: a prática escriturística dos literatos e as vivências masculinas no início do século XX**. Teresina: EDUFPI, 2008.
_____. **Mulheres Plurais: A condição feminina na Primeira República**. Teresina: Edições Bagaço, 2005.
CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1 – Artes de Fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-édipo**. São Paulo: Editora 34, 2011.
CHANTAIGNER, Gilda. **História da Moda no Brasil**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.
FREITAS, Sandra Maria. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanitas, 2002.
FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**. São Paulo: Global, 2006.
PEREIRA, Carlos Alberto M. **O que é contracultura**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós-moderno**. São Paulo: Editora Brasiliense S. A., 1986.

b) Capítulos de livros, artigos e revistas

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **AS SOMBRAS DO TEMPO: a saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história**. In: Marina Haizenreder Ertzogue e Temis Gomes Parente. (Org.). **História e Sensibilidade**. 1 ed. Brasília: Paralelo 15, 2006.
CARDOSO, Ciro; MAUAD, Ana Maria. **História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema**. In: CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.
CIDREIRA, Renata Pitombo. **A moda nos anos 60/70: comportamento, aparência e estilo**. Revista do centro de artes, humanidades e letras. V.2, p. 35-44, 2008.
SIRINELLI, Jean François. **A geração**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006

a) Páginas da Internet

LEAL, Firmino Libório. **O Velho Cine Spark**. Portal FCS, Picos-PI, 12 mar. 2007. Disponível em: <http://www.portalfcs.com.br/home.php?c=nd&id=1542>. Acesso em: 18 mai. 2015.